

Pico do Refúgio

De quinta a residência artística:
um local onde a natureza e as
artes se cruzam.



Localizada na costa Norte da ilha de São Miguel, o Pico do Refúgio é uma propriedade muito antiga. Crê-se que a sua edificação remonta aos séculos XVI e XVII. Envolta em muita história, Luís Bernardo Brito e Abreu conta como surgiu o projecto e de como as artes abriram as portas para uma residência artística naquele local.



Na Vila de Rabo de Peixe, encontra-se uma edificação cuja localização e estrutura foram fundamentais ao longo do povoamento em São Miguel. Serviu como posto de vigia devido ao perigo iminente dos corsários e como forte de milícias nas lutas liberais: falamos do Pico do Refúgio.

Além desta casa, situada no topo de um extinto cone vulcânico, existe uma outra construção, mais abaixo, “afastada cerca de 800 metros, que se destinava ao apoio agrícola”, datada do século XVII. Esta segunda construção funcionou como uma fábrica de chá entre os finais do século XIX e 1950. A ermida que lá se encontra, segundo documentos oficiais, remonta o ano de 1750.

Nos anos 70, a casa encontrava-se muito degradada, tendo os pais de Luís

Bernardo posto mãos à obra e recuperado a mesma: “fizeram muitas coisas com as próprias mãos e com a ajuda do Senhor Pavão, da Dona Ângela e do (então) jovem Manuel, que ainda hoje é responsável pela manutenção da quinta. Mudámo-nos para lá com a casa ainda sem electricidade nem canalização. Durante algum tempo, vivemos com candeeiros de petróleo e com água transportada em bilhas de leite numa carroça”, conta o proprietário.

Devido à sua história, à sua localização e a outras condições singulares, foi decidido por Luís Bernardo transformar aquele espaço, em tempos, quinta da sua família, em alojamento para turismo rural: “o projecto iniciou-se em 2003, mas só viria a entrar em funcionamento em 2008 devido ao processo de licenciamento e às

obras de reabilitação”. Desde o início que o objectivo consistiu em conciliar a estrutura já existente com um design contemporâneo, “onde se mantivesse a noção de que nos encontrávamos num celeiro que se converteu em fábrica de chá e que, por sua vez, virou alojamento turístico”. Seguindo esta linha de pensamento, houve também uma preocupação na manutenção dos materiais – como a cal, a pedra e a madeira – bem como fachada exterior. A sua abertura coincidiu com o início da crise financeira e Luís Bernardo refere que na altura, o fluxo baixo de turistas, para além do licenciamento, foram alguns dos seus maiores desafios. Mas após o primeiro ano dos voos low-cost para Ponta Delgada, a taxa de ocupação anual duplicou.

As casas, que anteriormente haviam

servido para outros propósitos, foram transformadas em cinco lofts e em três apartamentos. A arte encontra-se em todo o lado: desenhos, quadros, decoração saltam à vista de quem por ali passa. A oferta é bastante abrangente. Ocupando uma área de 200 mil quadrados, os hóspedes podem passear pela zona e até mesmo acompanhar práticas agrícolas. Relativamente a outro tipo de actividades, o Pico de Refúgio, em parceria com outras empresas, dão oportunidades aos visitantes como mergulhar, passear a cavalo ou mesmo aulas de surf. “No interior, existe a lounge, com uma grande janela para o ex-

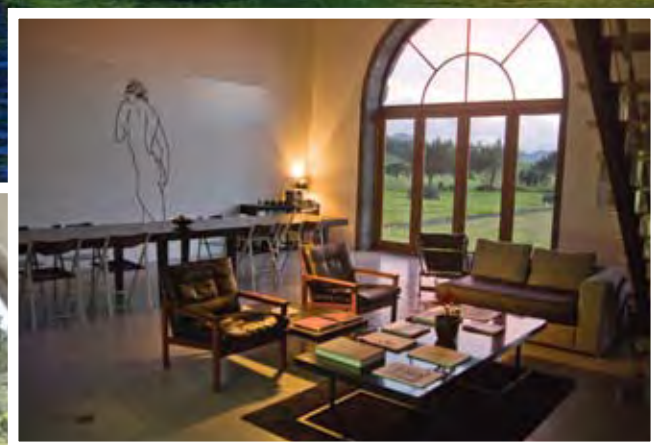
terior e uma lareira, onde é mantida uma selecção de revistas internacionais e livros de arte, arquitectura e design.”

Os turistas alemães compõem “a grande fatia” dos hóspedes do Pico do Refúgio, denotando-se um aumento de turistas norte americanos e canadianos. “No entanto, temos bastantes portugueses também. Creio que a principal causa de não termos mais clientes nacionais é porque nós adoramos reservar as férias em cima da hora e, normalmente, a lotação já está esgotada” acrescenta Luís Bernardo. Relativamente ao feedback dado pelos turistas, refere que ficam encantados com

o nosso arquipélago visto termos pontos fortes relativamente à hospitalidade, gastronomia e às actividades ao ar livre. “A falta de transportes públicos turísticos e a inerente necessidade de se alugar carro, o uso excessivo de plástico e o relato de maus tratos a animais” são alguns aspectos negativos apontados.

No Pico do Refúgio, o legado artístico perdura. O bisavô do proprietário, o conhecido historiador e etnógrafo açoriano Luís Bernardo Leite de Ataíde, passou muitas temporadas na quinta até metade do século XX, onde funcionava a fábrica de chá Ataíde. “Estou certo que muitos

“A arte encontra-se em todo o lado: desenhos, quadros, decoração saltam à vista de quem por ali passa.”



dos quadros naturalistas que terá pintado na costa norte da ilha, terão sido concebidos durante estas estadias”, conta Luís Bernardo.

“Durante uma parte do ano, temos um programa de residências artísticas que recebe artistas nacionais e estrangeiros, e cujos trabalhos são exibidos em permanência em vários locais do empreendimento.” Numa família de veia artística, a ideia para a residência surgiu através de sua mãe, a escultora Luísa Constantina. Escolheu o Pico do Refúgio como residência principal nas décadas de 70 e de 80: “não tenho dúvida que a paisagem, o isolamento, a história e até as condições alongadas deste local lhe alimentavam

a criatividade e a índole atlântica que imprimia às suas obras”.

No mês de Agosto de 1987, é organizado o primeiro (e único) Simpósio Internacional de Escultura em Pedra nos Açores pela mãe do proprietário, tendo o Pico do Refúgio servido de alojamento para vários artistas que ela conheceu nos Estados Unidos nas décadas de 80. “Embora caído no esquecimento, esse evento possibilitou a realização de grandes esculturas que, anos mais tarde, foram colocadas em vários locais públicos de São Miguel, como a Praia das Milícias, as Portas do Mar ou o jardim da Universidade dos Açores.”

Quase 30 anos depois, nomeadamente em finais de 2014, já aberto ao públi-

co como alojamento turístico, o Pico do Refúgio começou a receber propostas de artistas “que desejavam realizar projectos nos Açores e que estavam dispostos a doar obras como contrapartida do acolhimento”.

Dois fotógrafos e uma equipa de designers foram os primeiros hóspedes a ser acolhidos no âmbito das residências artísticas. Mas a partir daqui, surgiu “uma enorme avalanche de propostas”, o que fez com que Luís Bernardo criasse um programa com estrutura de modo que pudesse acolher todas as solicitações, todas estas com a duração de um mês aproximadamente. “Nos últimos 4 anos, e com mais de vinte edições, o Pico do Refúgio serviu



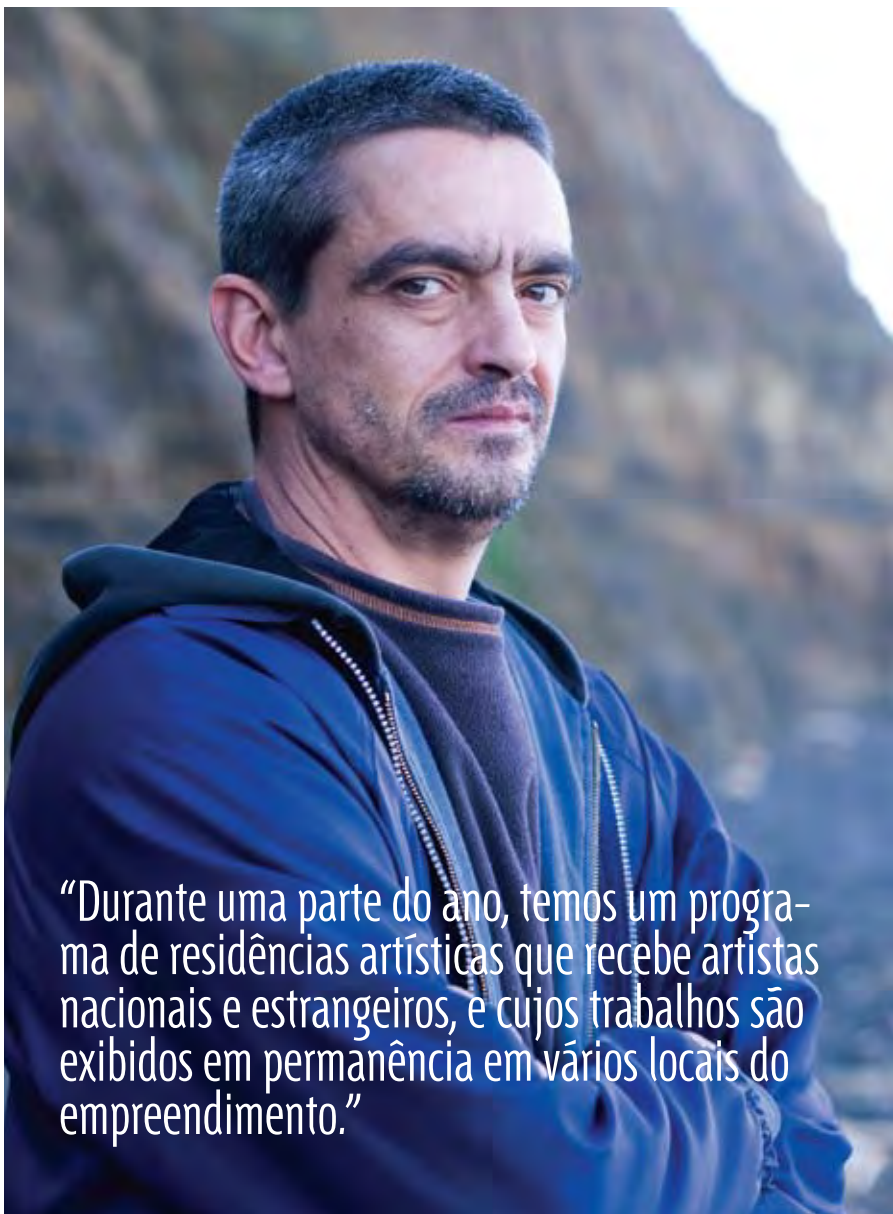
Ana Catarina Fragoso Foto© Ricardo Pereira



João Maria Dion Foto© Ricardo Pereira



Márcio Vilela Foto© Ricardo Pereira



“Durante uma parte do ano, temos um programa de residências artísticas que recebe artistas nacionais e estrangeiros, e cujos trabalhos são exibidos em permanência em vários locais do empreendimento.”

António Júlio Duarte Foto© Ricardo Pereira

“Durante este tempo e graças ao programa de residências artísticas, o Pico do Refúgio teve parcerias com estruturas ligadas à arte contemporânea.”



Pedro Vaz Foto© Pedro Vaz



Duarte Amaral Netto Foto© Ricardo Pereira



Jose Pedro Cortes Foto© Andrea Santolaya



Andrea Santolaya Foto© Ricardo Pereira

como plataforma de criação a dezenas de artistas das mais variadas áreas e nacionalidades, que se deixaram contaminar pelo lado humano, pela história, pela memória e pelo território insular, contaminando de volta a paisagem e as pessoas que os acolheram.” Durante este tempo e graças ao programa de residências artísticas, o Pico do Refúgio teve parcerias com estruturas

ligadas à arte contemporânea como o Museu Carlos Machado, o Teatro Micaelense, o Instituto Cultural de Ponta Delgada, o Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas, não esquecendo os festivais Tremor e Walk&Talk. Posto isto, o Pico do Refúgio contribui para um turismo de cultural devido às obras que são geradas através dos vários projectos de arte contemporânea

realizados nos Açores.

Sobre o paradigma que se vive actualmente nos Açores, Luís Bernardo considera ser importante reflectir sobre o tipo de turismo, neste caso ligado à natureza e de como a prática de actividades relacionadas com a agricultura e a pesca “estão a evoluir a nível de sustentabilidade ambiental”.

RITA FRIAS